

Abordagens contemporâneas para a retradução dos evangelhos para o português

Fernando Pavão
mestrando/Universidade de São Paulo (USP)
pavao.fernando@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é examinar como as retraduições dos evangelhos publicadas por Frederico Lourenço em 2017 e por Marcelo Musa Cavallari em 2020 se posicionam e coexistem com as diversas opções disponíveis no espaço da retradução dos evangelhos para a língua portuguesa e destacar os principais elementos das abordagens adotadas pelos tradutores. Para tanto, retomaremos o conceito de retradução, suas motivações e alguns referenciais teóricos para tradução de textos religiosos, destacando os critérios empregados por Lourenço e por Cavallari para retradução dos textos. Além disso, avaliaremos as retraduições com base no referencial teórico abordado, no intuito de demonstrar que ambas se distanciaram das abordagens tradicionais para tradução dos evangelhos ao objetivar uma maior aproximação em relação ao texto de partida, o que resulta em versões que favorecem novas leituras desses textos.

Palavras-chave: evangelhos; retradução; princípios de tradução.

Contemporary approaches to the Gospel retranlations into Portuguese

ABSTRACT: This study aims firstly to examine the position and coexistence of two newer Gospel retranlations (those by Frederico Lourenço (2017) and by Marcelo Musa Cavallari (2020)) in relation to other older translations into Portuguese available. This analysis highlights the main elements of these translators' approaches to the Gospel's texts. To do so, we adopt the retranlation concept and its motivations along with some references for the translation of religious texts, emphasizing the criteria used by Lourenço and Cavallari in their retranlations. Besides, we evaluate these retranlations, using the theoretical framework here discussed to demonstrate that both translations have moved themselves away from the traditional approaches to Gospel's translation, in a process that put them instead closer to the source text, which results in versions that favor new readings of these texts.

Keywords: gospels; retranlation; principles of translation.



Introdução¹

Sabe-se que Bíblia é um dos livros mais traduzidos e retraduzidos para o português, com versões publicadas por diferentes editoras e para diferentes públicos, normalmente a partir de retraduições e revisões produzidas por comitês de especialistas nas línguas bíblicas e de alguma maneira vinculados a instituições religiosas. Nesse contexto, chamam a atenção duas retraduições dos evangelhos recentemente publicadas por tradutores não representantes de tradições religiosas, que procuraram oferecer aos seus leitores e leitoras novas possibilidades de entendimento dessas obras a partir de uma reaproximação do texto de partida. A primeira delas foi produzida pelo intelectual português Frederico Lourenço e publicada no Brasil em 2017 (LOURENÇO, 2017), e a segunda, apenas poucos anos depois, foi publicada pelo jornalista e tradutor Marcelo Musa Cavallari em 2020 (CAVALLARI, 2020).

Diante desse renovado interesse pela retradução dos evangelhos para o português, interessa-nos avaliar quais foram os principais critérios adotados por Frederico Lourenço e por Marcelo Musa Cavallari para retraduzir esses textos e como o resultado do trabalho desses estudiosos se posiciona e coexiste com as diversas opções disponíveis no espaço da retradução dos evangelhos para a língua portuguesa.

Procuraremos mostrar que essas duas retraduições se distanciaram dos princípios de equivalência propostos por Nida (2012) em um estudo publicado originalmente em 1964 e amplamente utilizado como referencial para tradução e retradução de textos bíblicos e privilegiaram uma abordagem mais estrangeirizadora e sincrônica. Buscaremos também demonstrar que as retraduições de Lourenço e de Cavallari não se enquadram facilmente nas duas estratégias descritas por Lenita Esteves (2014) para tradução de textos religiosos, o que possivelmente posiciona esses trabalhos como representantes de uma abordagem diferenciada das comumente praticadas na tradução de obras dessa natureza.

Para tanto, iniciaremos com um aporte teórico, retomando o conceito de retradução e algumas das principais motivações para se retraduzir. Retomaremos também algumas referências para tradução de obras religiosas, especialmente os princípios de equivalência formal e equivalência dinâmica propostos por Nida (2012), dada sua influência no campo da tradução bíblica, e as estratégias de tradução exotérica e esotérica para textos religiosos descritas por Lenita Esteves (2014). Na sequência, apresentaremos as traduções dos

¹ Agradeço à Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Pisetta, à Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte e aos pareceristas anônimos da *Rónai* pelos comentários e sugestões. Uma versão resumida e adaptada deste artigo foi apresentada no X Seminário de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.

evangelhos publicadas por Frederico Lourenço (2017) e Marcelo Musa Cavallari (2020) e suas particularidades, com destaque para os principais critérios adotados por esses tradutores. Por fim, avaliaremos brevemente essas retraduições com base no referencial teórico abordado, no intuito de demonstrar que ambas se distanciaram das abordagens tradicionais para tradução dos evangelhos ao objetivar uma maior aproximação do texto de partida.

1. Aporte Teórico

O campo dos Estudos da Tradução produziu diversos referenciais que podem ser utilizados para a análise da tradução de textos religiosos. Para o presente artigo, retomaremos o conceito de retradução, considerando que as traduções que serão analisadas pertencem a essa categoria, e alguns princípios e estratégias que nos servirão como base de comparação com as abordagens de Lourenço e de Cavallari para a retradução dos evangelhos.

1.1. A retradução e as motivações para se retraduzir

De acordo com Berman (1990, p. 1), “Qualquer tradução feita após a primeira tradução de uma obra é então uma retradução”². Para Mattos e Faleiros, que avaliaram o percurso teórico da noção de retradução nas últimas décadas,

Retradução é toda reescritura de um texto-fonte, que coexiste e se relaciona com outras reescrituras desse mesmo texto-fonte, estabelecendo com elas uma rede de modos plurais de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo, gesto que é, finalmente, uma crítica. (MATTOS; FALEIROS, 2015, p. 54).

Partindo dessas definições, cabe destacar alguns motivos apontados pelos teóricos do tema para se retraduzir determinada obra. Em um texto seminal para os estudos da retradução, Berman (1990) defende a necessidade de se retraduzir pois as traduções envelhecem e não são definitivas. A exceção, de acordo com Berman (1990), são algumas traduções que podem resistir ao tempo e brilhar mais do que os seus originais. Essas traduções, que Berman chama de “grandes traduções”, são sempre retraduições segundo o autor. Sua proposta, apesar de conter um certo idealismo em relação às retraduições (MATTOS; FALEIROS, 2015, p. 42), se mostra útil para o entendimento do fenômeno das retraduições dos evangelhos, uma vez que as traduções existentes dessas obras realmente tendem

² “Toute traduction faite après la première traduction d'une œuvre est donc une retraduction”. Todas as traduções de textos em língua moderna citados são de nossa autoria.

ao envelhecimento, tanto em linguagem quanto em perspectiva histórica ou mesmo teológica. Dado o valor religioso e social desses textos, algumas retraduições, como a *Vulgata* de Jerônimo, ou a *Bíblia* de Lutero, citadas por Berman como “grandes traduções”, de fato alcançaram uma espécie de status diferenciado no espaço das obras traduzidas devido à grande influência que exerceram e ainda exercem.

Além da perspectiva temporal e evolucionista proposta por Berman, Gambier (1994) introduz os conceitos de *détour* e *retour*, e propõe que a retradução teria um papel de reaproximação com o texto original, conforme explicam Mattos e Faleiros:

Filiado a Berman, Gambier defende que a primeira tradução tende a ser assimiladora, reduzindo a alteridade e familiarizando aspectos linguísticos, textuais, culturais etc. (dimensão do *détour*). Nesse contexto, a retradução é um *retour* ao texto-fonte: a possibilidade de que um segundo, terceiro, quarto gesto de leitura seja também um gesto de retorno. (MATTOS; FALEIROS, 2015, p. 45-46).

O mesmo Gambier revisita o tema em 2012 e reconhece que a “a hipótese bermaniana para retradução não explica tudo [...]” (GAMBIER, 2012, p. 59)³, especialmente por não considerar as condições socioculturais, que, segundo o estudioso (*ibidem*), originam retraduições. Assim, “Para Gambier há as retraduições endogenéticas, originadas de flutuações linguísticas entre as versões e também em relação ao original, e retraduições exogenéticas, originadas de aspectos editoriais, comerciais, culturais. (MATTOS; FALEIROS, 2015, p. 48).

Além dos motivos para retradução descritos por Berman e Gambier, Mattos e Faleiros (2015, p. 50) constatam também que muitas vezes retraduzimos pois temos uma outra leitura de determinado texto, motivo esse especialmente importante para considerarmos na avaliação da retradução de textos religiosos.

1.2. Equivalência formal e equivalência dinâmica

Em um influente estudo publicado em 1964, o estudioso americano Eugene Albert Nida, ligado à Sociedade Bíblica Americana e às Sociedades Bíblicas Unidas, desenvolveu os conceitos de equivalência formal e equivalência dinâmica, amplamente referenciados e utilizados nas traduções bíblicas desde então. De acordo com Nida (2012, p. 144), na equivalência formal o foco é buscar o máximo de correspondência entre os elementos, tanto em forma quanto em

³ “L’hypothèse bermanienne de la retraduction n’explique pas tout [...]”.

conteúdo. Tal abordagem, conforme constata o autor, pode aproximar as pessoas leitoras do texto de partida, mas normalmente requer diversas notas explicativas de rodapé para tornar a obra compreensível. Já na equivalência dinâmica, segundo o estudioso (*ibidem*), o foco reside na transmissão do sentido, em reproduzir o máximo possível para as pessoas leitoras a relação existente entre as pessoas receptoras originais e a mensagem, por meio da naturalidade de expressão e da adaptação de elementos culturais quando necessário.

Nida (2012, p. 145) assume que existem diversos níveis entre os polos da equivalência formal e dinâmica na tradução literária e constata que a tendência na época da escrita do artigo era de uma mudança de ênfase, de abordagens mais formais para mais dinâmicas. Ele próprio se mostra bastante inclinado nessa direção e descreve a equivalência dinâmica como “o mais próximo equivalente natural à mensagem no idioma de origem” (NIDA, 2012, p. 151)². Assim, para Nida (2012, p. 143), um tradutor que busca um texto de chegada não apenas inteligível, mas também significativo, poderia em uma tradução bíblica, por exemplo, substituir “branco como a neve” por “branco como penas de garça”, visando públicos não familiarizados com a neve.

O próprio uso da palavra “Deus”, com inicial maiúscula, como equivalente ao grego θεός, pode ser entendido como um caso de equivalência dinâmica, pois nas traduções dos evangelhos pode pressupor uma concepção trinitária, predominante no cristianismo, mas potencialmente anacrônica em relação ao texto de partida. A *Septuaginta*, versão grega das escrituras hebraicas que foi usada pelos autores dos evangelhos, utilizou θεός, que na antiguidade designava um deus, uma deusa ou “seres que têm poder ou conferem benefícios que estão além da capacidade humana” (GINGRICH, 1984, p. 97), para se referir tanto a *El* ou *YHWH*, cultuado pelos israelitas, quanto às divindades estrangeiras, que em alguns casos foram também traduzidas na *Septuaginta* como δαιμόνιον (que em português pode significar “ser divino”, “nume”, “espírito” ou “espírito maligno, demônio”) ou εἰδωλον (“imagem”, “fantasma” ou “ídolo”), conforme destacou Anna Angelini (2019). No entanto, essas nuances dificilmente podem ser transmitidas por uma tradução que privilegia a equivalência dinâmica.

Contra essa abordagem de equivalências, especialmente contra a equivalência dinâmica, Berman, em um seminário apresentado no Collège International de Philosophie de Paris em 1984 e posteriormente adaptado como livro (BERMAN, 2013), argumenta que essa estratégia reduz a tradução a uma transmissão de sentido, que se recusa a introduzir na língua de chegada a estranheza do texto original em favor de uma suposta clareza, que acaba se mostrando deformante, e no caso das traduções bíblicas, aliada ao imperialismo cultural norte-americano (BERMAN, 2013, p. 44). Para Berman, a tradução literal,

² “the closest natural equivalent to the source-language message”.

entendida como aquela que acolhe na língua de chegada elementos perceptíveis da língua de partida, respeitando ambas, seria a estratégia preferencial para se abordar textos literários, em um trabalho sobre a letra que não é “[...] nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes.” (BERMAN, 2013, p. 21).

As retraduições dos evangelhos por Frederico Lourenço e por Marcelo Musa Cavallari, que abordaremos nas próximas seções, distanciam-se das estratégias de Nida, até então dominantes no campo da tradução e retradução de textos bíblicos, e nos parecem mais alinhadas com a visão de Berman. Mas, antes de apresentarmos algumas particularidades e critérios dessas retraduições que justifiquem esse entendimento, finalizaremos nosso aporte teórico retomando brevemente os conceitos de tradução exotérica e esotérica descritos pela professora Lenita Esteves.

1.3. Tradução exotérica e esotérica

No livro *Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações*, Lenita Esteves (2014, p. 113-4) realiza alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos e propõe a hipótese de que existem ao menos duas estratégias distintas para tradução desses textos: a primeira, denominada exotérica, busca aproximar o texto religioso da cultura da língua de chegada, e a segunda, chamada esotérica, mantém elementos do texto de partida que seriam significativos no campo religioso a fim de favorecer uma espécie de iluminação das pessoas leitoras por meio da clarividência.

Desse modo, temos na estratégia exotérica uma tradução orientada “aos de fora” de determinado contexto religioso que visa facilitar o entendimento do texto por meio de uma mensagem que possa ser assimilada nos próprios termos dos leitores e leitoras. Já na estratégia esotérica, a orientação é para “os de dentro” do contexto religioso, e o estranhamento causado pelas estrangeirizações visa conduzir as pessoas leitoras a uma experiência de múltiplas interpretações ou até mesmo a uma certa vivência da cultura do texto de partida.

2. A retradução dos evangelhos por Frederico Lourenço

O helenista, escritor e tradutor português Frederico Lourenço, que, dentre outras obras, verteu para o português a *Ilíada* (2013) e a *Odisseia* (2011), publicou recentemente no Brasil uma retradução dos evangelhos e tem se dedicado a traduzir para o português todos os livros da *Septuaginta*, tradução grega da bíblia hebraica, iniciada em meados do século III a.C. Essa iniciativa lhe rendeu o importante Prêmio Pessoa em Portugal (PAIXÃO, 2016).

Em sua retradução dos evangelhos, Lourenço (2017) buscou se aproximar

do texto de partida, preservando o significado das palavras em seu contexto histórico e as construções gramaticais gregas sempre que possível. Assim, não tratou os evangelhos como textos sagrados, mas como documentos históricos do cristianismo primitivo. Na apresentação da obra, ele declara seu propósito:

É uma tradução que pretende ajudar as leitoras e leitores a descobrirem a extraordinária riqueza das próprias palavras que constituem o texto bíblico, palavras essas que – sobretudo no caso do Novo Testamento – têm por vezes sentidos bem diferentes daqueles que se convencionou considerar obrigatórios nas traduções pensadas para serem lidas em contexto eclesiástico cristão. (BÍBLIA, 2017, p. 18)

Sobre a abordagem de Lourenço para retradução dos evangelhos, Funari (2018, p. 119) constata que “Os critérios de tradução incluíram a fidelidade ao campo semântico provável dos termos antigos, mesmo que em detrimento da facilidade de inteligência imediata e de adequação à tradição e expectativa”. Essa abordagem estrangeirizadora proposta por Lourenço, no entanto, é complementada com diversas notas explicativas que retomam especialmente o campo semântico das palavras gregas e as referências e alusões à *Septuaginta* presentes no texto.

49

Vejamos alguns exemplos dessa abordagem, particularmente no tocante ao tratamento dos tempos verbais e de palavras que são estrangeiras em relação ao texto de partida e à tradução de termos amplamente utilizados no contexto religioso do cristianismo.

Com relação aos tempos verbais, Lourenço (2017) buscou manter a mistura de verbos no passado e no presente que caracteriza o texto grego dos evangelhos. Escritos para serem lidos em voz alta para um público ouvinte, os evangelhos privilegiam o uso do presente em diversas ocasiões nas quais o mais natural seria o uso de alguma forma indicando ação passada ou concluída. Esse recurso visa transmitir uma sensação de imediatismo ao se narrar as histórias e pode ser observado em diversos pontos na retradução de Lourenço, como, por exemplo, em Marcos 10.1: “Levantando-se dali, Jesus vai para a região da Judeia, para além do Jordão. As multidões agrupam-se de novo em volta dele e, como era seu costume, de novo as ensinava.” (BÍBLIA, 2017, p. 191).

Podemos notar no versículo acima o padrão de uso do presente nos verbos “vai” (do grego ἔρχεται, presente indicativo) e “agrupam-se” (do grego συμπορεύονται, presente indicativo). Essas construções gregas no presente são normalmente traduzidas com verbos no passado nas demais versões disponíveis em português, como podemos constatar na versão Almeida revista e atualizada: “Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judeia, além do Jordão. E outra

vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume.” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 670).

No que se refere aos termos hebraicos e aramaicos presentes nos textos dos evangelhos, Lourenço optou por mantê-los estrangeiros também em relação ao texto em português. Assim, a palavra de origem semítica “amém”, estrangeira ao original grego, é mantida sem tradução por Lourenço em diversos ditos de Jesus, de modo que a tradicional expressão “em verdade vos digo” (e.g.: Mateus 5.18) se torna “amém vos digo” nessa nova retradução, buscando reproduzir em português o efeito da introdução de uma palavra estrangeira. O mesmo ocorre com outros termos aramaicos (ver Marcos 5.41 e 7.11, por exemplo). Essa regra, no entanto, curiosamente não foi aplicada pelo tradutor aos termos latinos, como em Marcos 6.27, onde a palavra σπεκουλάτωρ (do latim *speculator*) é simplesmente vertida como “guarda” por Lourenço.

Chama a atenção também nessa retradução o uso de palavras ou frases mais próximas do texto de partida para traduzir palavras ou frases amplamente utilizadas no contexto religioso cristão por meio de outras traduções, “de modo a tornar o texto menos eivado de pressupostos teológicos, muitos de possível adoção posterior” (FUNARI, 2018, p. 119). Assim, a frase “Filho do Homem”, do grego υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου, usada por Jesus muitas vezes para se referir a si mesmo, é traduzida como “Filho da humanidade” por Lourenço. Já a palavra ἐκκλησία, em Mateus 16:18, é traduzida como “assembleia”, e não como “igreja” como na maioria das traduções para o português, e a palavra grega ἀμαρτία deixa de ser somente “pecado” e passa a considerar possíveis nuances de sentido segundo o contexto, sendo traduzida também por “erro”, como em Mateus 1.21: “Ela dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus: pois será ele que salvará o seu povo dos seus erros” (BÍBLIA, 2017, p. 60). Funari (2018, p. 121) destaca que Lourenço foge também do que considera domesticação em outras traduções e cita como exemplo o caso de Lucas 14.26, no qual Lourenço traduz o verbo μισέω como “odiar”, de acordo com o seu sentido em grego, sem se utilizar de eufemismos como “aborrecer”, conforme normalmente ocorre nas demais traduções, resultando em: “Se alguém vem encontrar comigo e não odeia o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a própria vida, não consegue ser meu discípulo” (BÍBLIA, 2017, p. 277-278).

Lourenço, porém, não rompe totalmente com as traduções tradicionais dos evangelhos, traduzindo palavras como πίστις, por exemplo, como “fé” (no grego poderia também significar “confiança”, dentre outras possibilidades) e o verbo βαπτίζω, como “batizar” e não como “mergulhar” se considerado o sentido estritamente grego da palavra, sem o contexto religioso, conforme será proposto por Cavallari (2020) e visto na próxima seção.

3. A retradução dos evangelhos por Marcelo M. Cavallari

Quanto à retradução dos evangelhos de Marcelo Musa Cavallari, já no capítulo de apresentação, o tradutor não deixa dúvidas quanto ao seu propósito: “É a surpresa e o encantamento que experimentei ao lê-los na língua em que foram escritos que tento compartilhar com os outros através da minha tradução.” (CAVALLARI, 2020, p. 48).

Cavallari (2020, p. 18) parte da hipótese de que os evangelhos são obras literárias e podem ser lidos também como literatura, assim com a *Ilíada* ou *Os Sertões*, e constata que são pouco lidos a partir dessa perspectiva.

A tradução literária de textos religiosos da antiguidade para o português, aqui entendida como aquela que busca privilegiar o valor literário e histórico das obras, remonta à tradução dos *Salmos* por Antônio Pereira de Sousa Caldas e à do *Livro de Jó* por José Elói Ottoni, ambas do século XIX (CAMPOS, 1993). Essa abordagem ganhou visibilidade a partir dos trabalhos de Haroldo de Campos, que, partindo de seu conceito de transcrição, verteu para o português o *Eclesiastes* (CAMPOS, 1991) e o início do livro de *Gênesis* (CAMPOS, 2000), além de alguns outros trechos bíblicos publicados postumamente (CAMPOS, 2004) buscando captar e recriar a poesia do texto hebraico. A perspectiva de Haroldo lançou luz sobre aspectos normalmente negligenciados pelas demais traduções bíblicas, como a sonoridade e o ritmo, e abriu caminho para novas leituras e traduções de textos religiosos antigos para o nosso idioma, como a recente retradução de Cavallari, que busca oferecer aos leitores e leitoras do evangelho uma versão que abre novas possibilidades de compreensão a partir de uma perspectiva predominantemente literária do texto bíblico. Para atingir esse propósito, citando as opções de Schleiermacher³, Cavallari (2020, p. 49) deixa explícito que intentou deixar o autor em paz e conduzir as pessoas leitoras até ele e elenca os dois principais critérios que guiaram a sua retradução, o arqueológico e o estético, conforme denominados pelo tradutor.

O critério arqueológico proposto por Cavallari tem por objetivo recuperar o sentido que as palavras gregas tinham na época em que foram utilizadas pelos evangelistas, reproduzindo-as como provavelmente foram compreendidas pelos primeiros leitores e leitoras. Trata-se de palavras que, na maioria das traduções para o português, ou mesmo para outros idiomas, foram simplesmente transliteradas do grego, dado “o significado técnico ou teológico que se

³ Em um ensaio escrito em 1813, o teólogo, filósofo e tradutor Friedrich Schleiermacher abordou o tema da tradução e defendeu que um tradutor que deseja produzir em seus leitores uma compreensão possivelmente correta e plena de determinado texto se vê diante de apenas dois caminhos possíveis: ou leva o leitor ao encontro do autor, ou leva o autor ao encontro do leitor (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 22). Esses caminhos, segundo Schleiermacher, são completamente distintos, de modo que o tradutor deve evitar misturar as opções.

cristalizou em torno delas” (CAVALLARI, 2020, p. 49). O critério é aplicado também em algumas palavras que não foram transliteradas nas traduções vigentes, mas adquiriram com o tempo “um significado quase exclusivamente cristão que, evidentemente, não tinham ainda, quando foram escolhidas.” (CAVALLARI, 2020, p. 49). Dessa forma, a palavra grega ἄγγελος, normalmente traduzida como “anjo”, é vertida por Cavallari como “núncio” (como em Mateus 1.20), já a palavra βάπτισμα, simplesmente transliterada como “batismo” na maioria das traduções, é traduzida como “mergulho” nessa nova retradução (como em Lucas 20.4, por exemplo) de forma que “João Batista” se torna “João, o que mergulha”. Nem “Jesus Cristo” escapa do critério, se tornando “Jesus Ungido” na retradução de Cavallari, conforme significado da palavra grega χριστός, normalmente ignorado nas demais traduções, que preferem manter o termo apenas transliterado. No que concerne às palavras com forte significado cristão, cabe destaque para a palavra grega πίστις, que Lourenço manteve como fé, mas Cavallari, segundo seu critério arqueológico, optou por traduzir como “confiança”.

O segundo critério adotado por Cavallari (2020), denominado de estético, se baseia na *Introdução a Agamênon* de Wilhelm von Humboldt que prevê que: “Uma tradução não pode nem deve ser um comentário” (CAVALLARI, 2020, p. 49-50). Desse modo, Cavallari defende que a experiência de ser estrangeiro ao texto não deve ser negada às pessoas leitoras, “Mesmo à custa de um texto que soe estranho em português.” (CAVALLARI, 2020, p. 50). Esse critério pode ser notado especialmente na sintaxe e no modo dos tempos verbais, que Cavallari, assim como Lourenço, procurou manter o mais próximo possível do texto de partida, como pode ser observado, por exemplo, nos verbos no presente mantidos na retradução de Marcos 10.1: “E, dali, tendo se posto em pé, vai para os limites da Judeia além-Jordão e acorre de novo uma turba a ele e como já se acostumara ensinava-os.” (CAVALLARI, 2020, p. 227).

Uma particularidade da retradução de Cavallari é a tentativa de manter as marcas da oralidade do texto, indo além dos tempos verbais no presente (cf. Lourenço) e traduzindo o termo grego ἰδοῦ como “Vê!”, no lugar de “então” ou “eis”, a partir da hipótese de que a expressão seria um recurso utilizado pelo narrador e primeiros leitores e leitoras para em voz alta descrever uma cena para um público ouvinte. Dessa forma, Mateus 4.11, por exemplo, é retraduzido como “Então o caluniador largou e - Vê! - núncios vieram e serviam a ele.” (CAVALLARI, 2020, p. 65).

Cabe aqui uma breve comparação com os demais itens da retradução de Lourenço (2017) contemplados na seção anterior. Quanto aos termos estrangeiros ao texto, Cavallari, de modo semelhante à abordagem de Lourenço, os mantém estrangeiros à tradução, (e.g.: “amém vos digo” em Mateus 5.18), critério que se

aplica especialmente aos termos hebraicos e aramaicos em ambas as retraduições. Domesticacões são igualmente evitadas, como, por exemplo, no caso do verbo grego $\mu\iota\sigma\acute{\epsilon}\omega$, traduzido também como “odiar” em Lucas 14.26, mas com uma nota indicando que se trata de um hábito de falar semita, com sentido de “amar menos” (CAVALLARI, 2020, p. 403). Já o título de $\nu\iota\omicron\varsigma\ \tau\omicron\upsilon\ \acute{\alpha}\nu\theta\rho\acute{\omega}\pi\omicron\upsilon$, traduzido por Lourenço como “filho da humanidade” é vertido como “Filho do Homem” por Cavallari, como na maioria das demais versões para o português.

4. Avaliação em relação ao referencial teórico

Apesar das particularidades destacadas nas últimas seções, notamos que as retraduições dos evangelhos publicadas por Frederico Lourenço e por Marcelo Musa Cavallari possuem objetivos bastante próximos, uma vez que almejam levar as pessoas leitoras a uma nova experiência com essas conhecidas narrativas a partir de uma abordagem de aproximação do texto de partida. As retraduições podem ser entendidas, portanto, como um passo importante na direção de um *retour*, segundo os termos de Gambier (1994). Quanto às motivações, o motivo descrito por Mattos e Faleiros (2015, p. 50), que explica que “[...] retraduzimos, finalmente, porque temos outra leitura daquele texto, não contemplada nas traduções anteriores.”, nos parece especialmente plausível/digno de destaque em ambos os casos. Há outros que poderiam ser citados, pois tanto Lourenço quanto Cavallari procuraram abordar os textos dos evangelhos a partir de uma perspectiva não teológica e não influenciada pelo significado que as palavras adquiriram no decorrer de séculos de leituras realizadas no contexto eclesialístico. Dessa forma, chegaram a resultados significativamente diferentes das diversas traduções e retraduições anteriores para o português.

No que concerne aos conceitos de equivalência propostos por Nida (2012), tanto Lourenço quanto Cavallari se afastaram claramente da busca por uma equivalência dinâmica, conforme demonstramos nas seções anteriores. Mas e quanto à equivalência formal?

Nida (2012, p. 149) destaca em seu estudo alguns princípios que governam uma tradução por esse tipo de equivalência, são eles: a busca por reproduzir unidades gramaticais, por consistência no uso de palavras e por significados em termos de contexto de origem. As retraduições dos evangelhos por Lourenço (2017) e por Cavallari (2020) se mostram aderentes a tais princípios, porém, acrescentam a esses, outros não previstos por Nida, com o objetivo de atingir uma equivalência que excede as questões formais propostas pelo teórico norte-americano. Lourenço, por exemplo, busca o que poderíamos denominar de “equivalência de fontes”, ao considerar as alusões e citações ao Antigo Testamento presentes nos evangelhos como baseadas na *Septuaginta*, não nas

versões hebraicas e, a partir dessa hipótese, pautar a sua retradução. Outro princípio que pode ser notado na retradução de Lourenço é o que poderíamos chamar de “equivalência de usos”, uma vez que o tradutor buscou reproduzir unidades gramaticais não somente por motivadores formais, mas principalmente para transmitir características do uso oral dos textos dos evangelhos. A mesma preocupação foi levada ainda mais adiante na retradução de Cavallari, conforme vimos na seção anterior no caso da tradução do termo grego ἰδοὺ como “Vê!”. Chama a atenção também a ausência de citações aos conceitos de equivalência de Nida em ambas as retraduições, conceitos esses amplamente referenciados nas demais traduções bíblicas, especialmente nas edições produzidas por editoras ligadas ao cristianismo.

Quanto à estratégia, as retraduições de Lourenço e de Cavallari dificilmente se enquadram nas destacadas por Lenita Esteves (2014) para tradução de textos religiosos, o que pode caracterizá-las como destinadas a um público-alvo diferenciado do normalmente visado pelas diversas traduções e retraduições dos evangelhos disponíveis. Em ambas, não há busca por aproximar o texto da cultura da língua de chegada, como na estratégia exotérica, sendo privilegiada uma abordagem estrangeirizadora, que não facilita o entendimento da mensagem nos termos das pessoas leitoras, mas habilita novas leituras pela aproximação do texto de partida. As abordagens de Lourenço e de Cavallari tendem igualmente a causar estranhamento para os chamados “de dentro” do contexto do cristianismo, pois, de modo diferente da estratégia esotérica, buscam manter elementos formais e contextuais não necessariamente ligados à religião e, sempre que possível, recuperam os significados que as palavras possuíam antes do uso consagrado pela tradição cristã. A retradução de Lourenço (2017), focada no campo semântico grego das palavras e no valor histórico dos evangelhos, não nos parece favorecer uma primeira leitura desses textos para objetivos religiosos. Por outro lado, as pessoas familiarizadas com essas obras podem se beneficiar dessa versão para explorar novos significados, sanar dúvidas e enriquecer o entendimento, sobretudo por meio das numerosas notas explicativas. Porém, não encontrarão palavras ou expressões mantidas do texto de partida para fins de iluminação espiritual, como na estratégia esotérica descrita por Lenita Esteves. O mesmo pode ser dito em relação à de Cavallari (2020), que, por sua vez, privilegiou uma abordagem que promove a leitura dos evangelhos como textos literários e se esforçou para transmitir aos seus leitores e leitoras a experiência que teriam com o texto grego e suas nuances.

Cabe aqui mencionar que a versão de Andy Gaus, chamada de *The Unvarnished New Testament* e citada por Lenita Esteves (2014, p. 121-123) como exemplo de estratégia exotérica, é próxima das retraduições de Lourenço e de Cavallari enquanto tentativa de recuperar o sentido das palavras antes do

cristianismo. No entanto, se diferencia daquelas por aproximar o texto das pessoas leitoras utilizando equivalentes contemporâneos, por meio de uma abordagem que resulta em uma versão anacrônica dos evangelhos, bem diferente das retraduições de Lourenço e de Cavallari, que procuraram, cada qual ao seu modo, manter o máximo de fidelidade ao contexto histórico do texto de partida.

Conclusão

Tendo feito esse percurso, vemos que tanto Frederico Lourenço quanto Marcelo Musa Cavallari adotaram uma abordagem estrangeirizadora para retraduzir os evangelhos para o português, privilegiando o sentido das palavras em seu contexto histórico e literário e as formas gramaticais do texto de partida sempre que possível. Ambas se distanciaram dos princípios de equivalência propostos por Nida (2012), adotando novos princípios e critérios, objetivando uma equivalência não apenas de forma, mas também de fontes e de padrões narrativos com base na hipótese de uso oral inicial desses textos.

Ao compararmos as estratégias adotadas por Lourenço e por Cavallari para retraduzir os evangelhos com as descritas por Lenita Esteves como comumente utilizadas para tradução de textos religiosos, vemos que ambas as retraduições não se enquadram facilmente como direcionadas “aos de fora” para transmitir uma mensagem religiosa ou “aos de dentro” para privilegiar uma espécie de vivência bíblica ou iluminação espiritual. Posicionam-se, destarte, como destinadas a atender a um público que busca uma leitura não religiosa desses textos, encarando-os como documentos históricos ou literários, e assim, preenchem uma lacuna importante no espaço das retraduições dessas obras.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, Anna. Naming the Gods of Others in the Septuagint: Lexical Analysis and Historical-Religious Implications. **Kernos** [En ligne], 32, 2019. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/kernos/3150>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. *In: Palimpsestes*. N. 4. Presses Sorbonne Nouvelle : Paris, 1990. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/596>>. Acesso em: 07 jun. de 2021.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Mauri Furlan, Marie-Hélène Catherine Torres e Andréia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BÍBLIA, N. T. **Os quatro Evangelhos**. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2a. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAMPOS, Haroldo de. **Qohélet = o-que-sabe**: eclesiastes: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CAMPOS, Haroldo de. Da memória e da desmemória: excuro sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó. In: OTTONI, José Elói. **O Livro de Jó**. São Paulo: Loyola; Giordano, 1993. p. XI-XXVI.

CAMPOS, Haroldo de. **Bere'shith**: a cena da origem. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CAMPOS, Haroldo de. **Éden**: um tríptico bíblico. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAVALLARI, Marcelo Mattos. **Os Evangelhos**: Uma tradução. Cotia: Ateliê Editorial, Araçoiaba da Serra: Mnêma, 2020.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **Atos de tradução**: éticas, intervenções, mediações. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Bíblia. Novo testamento, os quatro evangelhos. Traduzido do grego por Frederico Lourenço. **Phaos**: Revista de Estudos Clássicos, Campinas, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 119-122, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/9406>. Acesso em: 3 jun. 2021.

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et détour. **Meta**, Montreal, v. XXXIX, n. 3, p. 413-417, 1994.

GAMBIER, Yves. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

GINGRICH, Felix Wilbur. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. Tradução: Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

HOMERO, **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOMERO, *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

MATTOS, Thiago; FALEIROS, Álvaro. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 35-57, fev. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

NIDA, Eugene. Principles of Correspondence. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. 3rd ed. Londres: Routledge, 2012, p. 141-155.

PAIXÃO, Paulo. **PRÊMIO PESSOA**. Laureado Prémio Pessoa 2016 - Frederico Lourenço, 2016. Disponível em: <<https://expresso.pt/premio-pessoa/2016-12-09-Laureado-Premio-Pessoa-2016---Frederico-Lourenco>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir. Tradução: Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braidia, Mauri Furlan. In: *Scientia traductionis*, n. 9. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 3-70.